

UM ESTUDO SOBRE A INSERÇÃO NO MERCADO DE TRABALHO DA POPULAÇÃO INDÍGENA DA ALDEIA E TERRA INDÍGENA ATY MIRI DA ETNIA AVÁ GUARANI EM ITAIPULÂNDIA – PR

Leandro Luis Barkert Lenz*; Margarete Aparecida de Paula**; Thaís Fernanda Vieira***

*Pedagogia, leandroluis-barkert@hotmail.com.

**Professora do curso de Pedagogia da Faculdade UNIGUAÇU.

***Pedagogia, thais_jungtf@outlook.com.

INFORMAÇÕES

Histórico de submissão:

Recebido em: 13 ago. 2024.

Aceite: 14 ago. 2024.

Publicação online: ago. 2024.

RESUMO

Uma investigação sobre a inserção dos indígenas da aldeia Aty-Myrim de Itaipulândia na busca por uma oportunidade de emprego no mercado de trabalho local, quais as dificuldades, os problemas encontrados por essa comunidade indígena na convivência com os munícipes de Itaipulândia como um todo. Para essa pesquisa foi realizada diversas entrevistas com os indígenas e um representante da agencia do trabalhador de Itaipulândia responsável por grande parte da destinação das vagas de emprego ao mercado de trabalho local, foram feitas entrevistas posteriormente transcritas para analisar e discutir as respostas sendo embasadas por obras renomadas, pesquisadores e conhecedores dos direitos e deveres indígenas e do estado juntamente da sociedade. Após analisadas percebemos a enorme dificuldade em conquistar um emprego no município, pelo fato de ser indígena, automaticamente se percebesse um certo preconceito existente por uma minoria dos munícipes que ainda veem o índio como figura de um ser abominável do mato. A pesquisa visa como um todo denunciar e expor a precariedade e a situação pobreza que vivem os indígenas de Itaipulândia que tem emprego e que vivem basicamente da ajuda do governo e órgão responsável além do atendimento prestado pelo município de Itaipulândia na área da saúde e educação.

Palavras-chave: Trabalho Indígena. Socialização. Inserção. Cultura.

RESUMEN

Una investigación sobre la inserción de los indígenas de la aldea Aty-Myrim de Itaipulândia en la busca por una oportunidad de empleo en el mercado de trabajo local, cuáles son las dificultad y los problemas encontrados por esa comunidad indígena en la convivencia con los ciudadanos de Itaipulândia como un todo. Para esa encuesta fue realizada diversas entrevistas con los indígenas y un representante de la agencia del trabajador de Itaipulândia responsable por gran parte de la destinación de la oferta de empleo al mercado de trabajo local, fueron hechas encuestas posteriormente transcritas para analizar y discutir las respuestas siendo embasadas por obras riñonadas, investigadores y conocedores de los derechos y deberes indígenas también del estado juntamente a la sociedad. Adelante analizadas percibenos a enorme dificultad en conquistar un empleo en el municipio, por el fato de ser indígena, automáticamente se ha percibido un cierto preconceito existente por una minoría de los municipios que ven el indio como figura de un ser abominable de la mata. La encuesta visa como un todo denunciar y demostrar la precaridad y la situación de pobreza que viven los indígenas de Itaipulândia que tienen empleo y que viven básicamente de la ayuda del gobierno y órgano responsable por el atendimento prestado por el municipio de Itaipulândia en la área de salud y educación.

Palabras-llaves: Trabajo Indígena. Socialización. Inserción. Cultura

Citação: LENZ, Leandro Luis Barkert; PAULA, Margarete Aparecida; VIEIRA Thaís Fernanda. Um estudo sobre a inserção no mercado de trabalho da população indígena da aldeia e terra indígena aty miri da etnia avá guarani em Itaipulândia – PR. **Iguazu Science**, São Miguel do Iguacu, v. 2, n. 4, p.

INTRODUÇÃO

Localizada no Oeste do Paraná, Itaipulândia é uma cidade pequena fronteiriça, turística e com bom potencial de expansão na agricultura, agronegócio e indústria além da melhora na qualidade de vida de seus habitantes. Muitos são os fatores que fazem com que ela seja destaque na região. Nos últimos anos vem se destacando no turismo, suinocultura e avicultura, além do agronegócio e do comércio.

Fatores estes que fazem com que o município seja visto como de oportunidade pessoal para se trabalhar e viver. Nos últimos anos cresceu muito com a vinda de brasileiros que residiam no Paraguai, e motivados pelo destaque do município fixaram endereço aqui, regressando ao seu país de origem.

No ano de 2015 um grupo de indígenas que pertencia à aldeia localizada na terra indígena em São Miguel do Iguacu da aldeia do Tekoha Ocoy se mudaram para Itaipulândia reivindicando uma posse de uma determinada área de terra de demarcação indígena ainda não demarcada. Formando assim, uma nova aldeia. A **Aty-Myrim** localizada na comunidade de Esquina Gaúcha - Base Náutica interior de cerca de 18 km do centro Itaipulândia.

Durante o curso de Licenciatura em Pedagogia, da FAESI - Faculdade de Ensino Superior de São Miguel do Iguacu – Uniguacu, na disciplina de Educação das Relações Étnico-Raciais, vimos os desafios e as barreiras enfrentados por essa classe de se inserir no mercado de trabalho e de serem aceitos pela sociedade sendo preservado e respeitado suas culturas e direitos com esta pesquisa pretendemos abrir portas e oportunizar mais oportunidades de empregos e socialização de indígenas no meio social.

Itaipulândia até então, não tinha uma aldeia, nem muitos nativos que residiam neste município em grande quantidade. Isso nos desperta o interesse em saber e entender como ocorrem às relações sociais entre ambos os grupos.

Sendo assim, e com o intuito de saber mais a fundo sobre as dificuldades que os indígenas enfrentam, vamos à busca através desse projeto, entender sobre a realidade desse povo e quais são suas adversidades ao longo de suas trajetórias para

serem vistos, respeitados e aceitos na sociedade como um todo.

Esta pesquisa visa também apontar e relacionar a importância da oportunidade de emprego para integrantes das aldeias, visando não somente o lado financeiro, mas também o de socialização e inserção na sociedade. Sabemos que quando se gera oportunidade abrimos portas para novos talentos ou destaques individuais. Uma oportunidade e um caminho e pode ser a realização de um sonho ou de melhoria de vida e satisfação profissional.

1.2 PROBLEMA DE PESQUISA

Investigar e analisar por meio de entrevistas com os indígenas, quais são as maiores dificuldades e barreiras encontradas pelos moradores da aldeia avá-guarani *Aty-Myrim* de Itaipulândia, no processo de inserção no mercado de trabalho no município?

1.3 HIPÓTESES E/OU PERGUNTAS DE PESQUISA

- Se houvesse mais oportunidade de emprego oferecido pelas empresas do município aos indígenas mais deles estariam empregados. Podendo assim afirmar que está havendo oportunidade de trabalho aos indígenas.
- Se houvesse uma melhor aceitação no mercado de trabalho e na socialização mais portas se abririam para a comunidade indígena.
- Se não houvesse oportunidade de emprego nas esferas públicas e privadas, a localidade onde se encontra a aldeia teria recursos suficientes para a sobrevivência dos indígenas.

2 OBJETIVOS

2.1 OBJETIVO GERAL

Investigar e analisar por meio de entrevistas de que maneira os indígenas da aldeia de Itaipulândia estão inseridos no mercado de trabalho, e assim fazer um levantamento dos pontos positivos e negativos dessa inserção no mercado de trabalho e fora da aldeia indígena.

2.2 OBJETIVOS ESPECÍFICOS

- Analisar os benefícios em geral para a aldeia dos empregos gerados aos indígenas, levando

em conta os recursos disponíveis da aldeia para sua subsistência.

- b) Avaliar o grau de satisfação dos que estão empregados diretamente e como se dá a relação deles no local de trabalho.
- c) Analisar junto à agência do trabalhador de Itaipulândia a quantidade de vagas de emprego disponíveis e a quais áreas especificamente atende e quais as exigências.

METODOLOGIA

O presente projeto de pesquisa tem por finalidade transcrever de forma sucinta, baseado nas ideias de pensadores e historiadores que ao longo do tempo, partindo de investigações científicas, refletiram sobre o contexto histórico, para compreender como procedeu a origem e a formação dos primeiros povos indígenas no Brasil, como se expandiram e formaram diferentes culturas e etnias, bem como analisar as características que as diferenciam.

Para tanto, a pesquisa será dividida em quatro capítulos, no primeiro será realizado um resgate histórico no sentido da pesquisa buscar, apontar e relatar de forma sucinta como ocorreu o período de invasão e colonização europeia no território brasileiro, e ainda qual a influência exercida pelos europeus e, sobretudo na mistura cultural provocada com a chegada de novos costumes, tradições, crenças no Brasil. Seguindo a proposta de pesquisa em questão, no segundo capítulo serão definidos os conceitos indígenas que ocuparam e ocupam o território brasileiro. Reconhecendo assim, suas lutas, conquistas e a valorização de seus contextos histórico-cultural e social.

Em seguida para compor a discussão do terceiro capítulo será analisado como a chegada dos europeus afetou a comunidade indígena que ali vivia. Impondo a eles a tentativa de inserir uma nova cultura, hábitos e crenças. Isso não foi algo positivo, pois foram escravizados e não tiveram direito de escolha, apenas seguir o que lhes era imposto. Com isso, famílias e terras foram destruídas.

O quarto capítulo será composto por análises e reflexões partindo de entrevistas realizadas com os indígenas da aldeia *Aty-Myrim* do município de Itaipulândia, através de relatos levantados busca-se descobrir como se procedeu a origem e a formação da aldeia *Aty-Myrim*, analisando como é sua inserção no mercado de trabalho e a vivência em sociedade em geral.

Por fim, busca-se com essa pesquisa contribuir

para a construção de um olhar mais apurado acerca de como se trata a cultura indígena e a forma como estão inseridos na sociedade mais específico no local de trabalho.

1 RESULTADOS E DISCUSSÃO

1.1 Origem, edificação e a luta pela terra

Frequentemente, relaciona-se o indígena a uma figura lúdica, que ocupa apenas o universo dos livros didáticos, ou outros ambientes misteriosos e desconhecidos. De fato, tais povos despertam grande curiosidade, dadas as diferenças de seus hábitos e costumes. Deve-se saber e perceber que os indígenas estão mais próximos do que se imagina. No presente capítulo, será apresentado a narrativa referente a História dos Indígenas Guaranis que vivem na Aldeia *Aty Myrim*, localizada no município de Itaipulândia – PR.

Para que seja possível refletir sobre o tema proposto aqui, requer-se a apresentação, análise e discussão de fontes que foram levantadas através de entrevistas realizadas ao longo da pesquisa, sendo que no dia onze de Julho de 2021 o acadêmico Leandro Luis Barkert Lenz na companhia da professora e orientadora Margarete de Paula, se deslocaram até a aldeia *Aty-Myrim* localizada na comunidade de Esquina Gaúcha base náutica, Itaipulândia para realizar uma entrevista com Maria Lucia, que é pedagoga da escola estadual indígena ***Arandu Renda*** e uma das lideranças da aldeia.

Após a construção do roteiro de entrevista, (ver anexo I) inicia-se a conversa solicitando que a Professora indígena Maria Lúcia que ela contasse a história do surgimento da aldeia, bem como, os fatores motivadores que fizeram com que o grupo de 50 famílias viessem para a região e o porquê da escolha do local para edificar a aldeia. A Professora então respondeu:

Maria Lúcia: é assim então o em 3 de fevereiro pessoal veio, os homens veio primeiro monta a barraca, primeiro a gente veio nesse espaço tinha um mato nesse espaço os homens veio na frente montaram o acampamento limpam o mato o acampamento, ai dia nove de fevereiro veio as mulheres e as crianças, por que Primeiro veio os home limpar e fazer o acampamento depois a gente veio, foi e começo assim, é uma terra do Estado i quem era responsável era o IAPAR, então a gente veio aqui no comecinho a

gente não tinha onde pegar água a gente ia no lago toma banho a agente ia no lago lava roupa, i o como e nome aquele o vizinho ali em baixo que nós chamava só de padre ele, e o eu esqueci o nome dele. Ele tem o mercadinho agora. E ele cobrava cem reais por mês pra gente toma água e pega água pra cozinha, pagava um galão e ia pegar água pra cozinhar e pra limpar assim panela, mais pra lavar roupa ia no lago toma banho no lago, por que não tinha como toma banho a lava roupa naquela água que pegava dali do vizinho, então era bem complicado no comecinho, foi muito complicado mesmo. E sobre a história da aldeia eu tenho tudo eu escrevi a história da aldeia eu usei no meu TCC, e como que era a dificuldade, e então por primeiro foi assim a gente veio pra cá em 2015.

Imagem: 01 localidade onde se encontra aldeia Aty-Myrim



Fonte: Google Maps

Maria Lúcia é uma mulher indígena jovem que teve a oportunidade de estudar e concluir o Ensino Superior. Dessa forma nota-se em sua narrativa, a preocupação com a identidade e permanência da comunidade naquele local.

A experiência de Maria Lucia vivida ali, torna-se para essa pesquisa um ponto de inflexão, já que ela vivia em outra aldeia e trouxe consigo a ideia de reconstrução, mesmo diante de tantas dificuldades. Para Medina e Ferreira (2017 p. 244) "Nota-se a dificuldade do indígena de inserção na vida social, econômica e cultural urbana. Sair de suas aldeias significa um rompimento e gera dificuldades e repercussões das mais diferenciadas, uma vez que implica prioritariamente a questões de identidade e alteridade." Desta forma com a formação dessa nova aldeia tiveram que se adaptar a uma realidade diferente do que eles estavam acostumados passando então por muitas dificuldades, pois teriam que começar do zero.

1.2 SURGIMENTO DA ALDEIA ATY-MYRIM

Para esta discussão, encontram-se elementos, na narrativa de Maria Lucia, que são fundamentais para o entendimento a respeito do surgimento da aldeia em questão.

A aldeia Aty-Myrim de Itaipulândia surge a partir de um problema antigo que muitas aldeias têm em comum: que é a falta de espaço, recursos, alimentos e terras.

As famílias de indígenas que construíram a aldeia Aty-Myrim, saíram da comunidade do Ocoy na cidade de São Miguel do Iguazu por não terem recursos e espaço suficiente para o progresso da comunidade indígena, Maria Lúcia explica o porquê de paetê da aldeia do Ocoy se desmembrar dela e buscar um novo espaço para viver:

Maria Lucia: é porque foi assim né e partir de 2013, é essa liderança porque nos um grupo no Ocoy a aldeia era muito pequena um pedaço muito pequeno, então tinha muita gente, não foi só nós que saímos de lá, teve uns que foram pra Diamante, foi pra Santa Helena, foi pra outros municípios assim. Por que quando tem muita gente ali já não tem mais espaço pra você planta criar galinha, alguma coisa que você precisa, fica muita gente então, daí em 2013 as lideranças o pessoal montou um grupo né.

Com base em diversas pesquisas realizadas e o conhecimento adquirido ao longo da graduação no curso de Licenciatura em Pedagogia, bem como, a experiência vivenciada conhecendo algumas aldeias da região, foi possível verificar, no discurso citado, que a realidade em que a aldeia se encontra nos dias atuais, não foge muito da realidade precária das mais diversas aldeias espalhadas pelo território brasileiro, onde falta espaço para produzir alimento e recursos naturais para subsistência, isso faz com que muitas aldeias passem necessidades e, cada vez mais, o indígena deixa de viver em aldeamento e, busca na cidade, emprego e renda para sustentar a família.

Não só nas cidades a fome e escassez de alimento está presente, é comum também nas aldeias indígenas esse problema que assola muitas famílias, de acordo com Silva (2018, p 492) "A principal demanda da vida indígena, a terra, é apresentada como condição fundamental para a continuidade da vida e da saúde, a reprodução social, sua

autodeterminação e seu etnodesenvolvimento”. Historicamente, como temos o conhecimento, a figura do índio está ligada a natureza, e é nela onde se encontram a maioria das tribos indígenas, por ser um local seguro e que os nativos se identificam e formam as aldeias.

Como bem determinou Maria Lucia, um dos agravantes que fez e possibilitou o surgimento de uma nova aldeia indígena na região, foi a falta de espaço e recursos na aldeia do Ocoy, que praticamente obrigou parte de aldeia a se desmembrar da antiga e marchar rumo a um novo espaço, na busca e na luta por um lugar onde pudessem ter as condições básicas naturais e apropriadas para formar uma nova aldeia.

A escolha da cidade de Itaipulândia, localidade onde se encontra a aldeia, se deu pelo fato de neste local possuir uma área de terra a qual está em processo judicial, sendo reivindicada pelos indígenas como como explica Maria Lúcia:

Então é em 2013 a gente já veio visita aqui, por que a gente ficou sabendo que tem uma terra do Estado nesse município, já fazia um tempinho que estávamos de olho nesse pedaço de terra[...] a terra é do Estado e quem era responsável era o IAPAR, então a gente veio aqui. [...] sim, por que o IAPAR deu um pedaço pra gente plantar assim ele não deu tudo ainda a gente só está usando um pedaço ainda, pra plantar milho mandioca pra sustento essa terá não é demarcada ainda. [...]

A conquista desta área de terra para os indígenas, é muito importante, pois possibilita a continuidade e a preservação cultural original do povo da etnia guarani, além de se ter um cuidado maior com a natureza e meio ambiente uma vez que os indígenas valorizam muito o espaço e a preservação da mãe natureza, que é de onde tiram seus sustentos e ondem se sentem bem. Para Medina e Ferreira (2017, p.245) “os índios têm a terra com um bem sagrado, onde dela provem tudo aquilo que necessitam para sobreviver”. Nesta perspectiva se houvesse a terra e os recursos suficientes para o mantimento das aldeias, muitas deles possivelmente teria melhores condições de vida e não teria instalações tão precárias como conhecemos.

1.3 A REALAÇÃO DO PODER PÚBLICO DE ITAIPULANDIA COM OS INDIGENAS DA ETNIA AVÁ-

GUARANI.

Com o surgimento da aldeia em Itaipulândia, vêm as preocupações básicas com a estrutura do município e suas políticas públicas para suportar e receber uma comunidade indígena que já estava formada, só estavam se ocupando de um novo espaço. A grande preocupação seria com emprego, saúde e educação para os nativos que agora fazem parte de Itaipulândia. Nas entrevistas realizadas, para a presente pesquisa, chama atenção, alguns relatos a respeito do processo de inserção, bem como socialização da população indígena Guarani que ali iriam se estabelecer. Os relatos abaixo são da professora Maria Lucia e de Natalina que atua como agente de saúde indígena da aldeia, observamos:

Maria Lucia: o prefeito que ajudou nós, o Miguel, então a gente não tem o que se queixar dele e da prefeitura desde que a gente chegou dois dias três dias já veio o pessoal da saúde visita nós fazer cadastro vê quem ta doente já faziam tudo isso, então com três dia foi muito bom pra nós desde que chegou aqui.

Maria Lúcia e assim eu acho que o pessoal da cidade pessoal da loja assim atende muito bem, como você está fazendo a entrevista comigo você ta me perguntando talvez se você perguntar pra outro vai te responder diferente.

Acadêmicos: e o município eles têm ajudado a aldeia ou eles não mantem muito contato aqui com vocês?

Natalina: a eles ajudaram muito, tipo quando nós não tivemos carro aqui na aldeia eles ajudava muito eles que sempre levava os pacientes pra cidade, agora que nós temos carro daqui mesmo aí a gente não precisa do caro do município.

Acadêmicos: e o município ajuda a aldeia de alguma forma remunerativa, dinheiro assim pra quem ta precisando

Natalina: eles ajudam assim e é o quando a gente agenda consulta fora do município daí ela assim daí ela paga a prefeitura que paga o transporte e a consulta e os exames.

Ao que se refere ao poder público municipal, observa-se que, de certa forma, ampararam os indígenas, prestando seus serviços como saúde, educação e assistência social.

Ao longo do tempo os indígenas conquistaram alguns benefícios em seu favor, segundo Silva (2018, p. 496) "As leis contemporâneas voltadas à proteção das demandas e necessidades próprias dos povos indígenas, são resultado de muita luta, organização dos próprios indígenas e articulação com os órgãos que atuam em sua defesa". Os indígenas, muitas vezes perseguidos e tendo seus direitos negados ou tirados, nunca deixaram de lutar e sonhar para conquistar e ter o reconhecimento ativo de sua importância na história e o lugar na sociedade.

As indígenas Maria Lúcia e Natalina, de maneira geral, valorizam e reconhecem que houve uma preocupação da administração municipal, na época, com a chegada dos indígenas no município, e de fato, prestaram apoio e a ajuda necessária naquele momento.

Imagem 02: Entrevista com Natalina agente de saúde indígena.



Fonte: Acadêmicos

No que se refere a saúde indígena, no município de Itaipulândia, há um bom apoio e preocupação nesta área como afirma Natalina:

Acadêmicos: e o município eles têm ajudado a aldeia ou eles não mantem muito contato aqui com vocês?

Natalina: a eles ajudaram muito, tipo quando nós não tivemos carro aqui na aldeia eles ajudava muito eles que sempre levava os pacientes pra cidade, agora que nós temos carro daqui mesmo aí a gente não precisa do carro do município.

Acadêmicos: e o município ajuda a aldeia de alguma forma remunerativa, dinheiro assim pra quem tá precisando

Natalina: eles ajudam assim e é o quando a gente agenda consulta fora do município daí ela assim daí

ela paga a prefeitura que paga o transporte e a consulta e os exames.

A saúde indígena gera preocupação devido as possíveis doenças que podem ser transmitidas por eles, ou doenças e vírus ou viroses chegar à comunidade indígena, por isso é importante se manter contato e possível prestar atendimento clínico médico especializado a fim de preservar a saúde de todos.

1.4 RELAÇÃO DOS INDÍGENAS COM OS MUNICÍPIOS DE ITAIPULÂNDIA

Sim, somos diferentes uns dos outros! – e isso é riquíssimo! Somos diferentes como indivíduos e possuímos características próprias que nos definem e nos fazem seres humanos. A discriminação começa a partir do momento em que saímos do individual e começamos a separar ou classificar grupos de pessoas baseados, em uma, ou algumas características que diferem os seres humanos.

Nesse sentido o que até então parecia estar indo bem, com a chegada do grupo no Município de Itaipulândia, surgem alguns pré-julgamentos de algumas pessoas, demonstrando antipatia em lugares como lanchonetes, restaurantes e espaços públicos que constroem e criam uma visão preconceituosa com os indígenas que frequentamos espaços públicos do município.

Tal visão discriminatória, que ainda persiste na sociedade é muito difícil de ser combatida e isso afeta, não só a relação do indígena como um todo na sociedade, mas, também, envolve as questões de identidade e psicológicas dos mesmos, pois alguns comentários relatados nas entrevistas chocam pelo total falta de empatia e visão pejorativa que se tem sobre o indígena, a seguir observam-se alguns recortes das entrevistas, falando sobre essa situação:

Maria Lúcia: e por que a minha irmã a Belmira, ela mora na cidade um dia ela chegou lá e falou assim não sei se era lanchonete ou bar ela tava lá tomando café e escutou um pessoal atrás dela falando assim mais aquela prefeita é uma cachorra mesmo ela fica colocando índio aí pra trabalhar, mas ela vai ver, ela não vai ganhar mais, não vai se eleger, por trazer um monte de índio pra trabalhar. Mais se só são 4 ou 5 que tá trabalhando nossa imagina como

eles vão reagir se tiver mais, eles não aceitam índio trabalhando lá. Natalia: o meu cunhado e o irmão dele começaram sair na cidade ir vender picolé só que de moto daí os dois saíram, mais o meu cunhado ele tem pele branca não parece indígena aí o meu cunhado saiu na cidade e vendeu tudo e cunhado dele que é mais moreno mais indígena não vendeu nada. Daí ele falou meu deus eu não consegui vender nenhum picolé, mas ele falou brincando assim. E que ele não fala bem o português aí as pessoas assim ne aí tem preconceito com pele.

Acadêmicos: e assim você sente alguns preconceitos quando você sai da aldeia e vai pra cidade de Itaipulândia em uma loja ou em qualquer lugar assim você sente algum preconceito? Ou você é atendida normal?

Natalia: sim a gente sente a gente percebe assim mesmo eles não falando a gente sente assim como eles nos trata assim na loja com olhar assim a gente sente.

Acadêmicos: e na faculdade assim você sente isso também?

Natalia: sim os professores assim também, na faculdade agente tinha um professor ele era muito preconceituoso não só com os indígenas mais com os negros os LGBTs ele falava assim um monte de coisa dentro da sala não sei se ele sabia que eu era indígena ou ele só fingia que não sabia.

Os relatos apontam uma triste realidade enfrentadas, diariamente, pelos indígenas. Quando saem da aldeia em vão para as cidades fazer as compras ou a lazer, em meio aos munícipes de Itaipulândia, existe uma minoria que não tem sensibilidade e respeito a outros grupos étnicos, criam essa visão e ideológica preconceituosa e disferem comentários maldosos contra esses, geram problemas e conflitos sociais e étnico-raciais.

Para Masuzaki (2015, p. 76)

Com falta de perspectiva para o futuro dos jovens e adolescentes, e somado ao ambiente hostil que precisam enfrentar cotidianamente, devido ao movimento de oposição à presença indígena que tem incitado o preconceito étnico-racial, possivelmente são alguns dos fatores que tenham

contribuído para o surgimento de casos de suicídios na região.

A falta de oportunidade ao jovem indígena, pode estar ligada a este aumento do número de suicídio na região, o índio, hoje, não vive somente isolado nas tribos como se imagina, ou como era antigamente, ele está inserido no meio social em pequenas cidades e em grandes centros urbanos, saindo de seu habitat devido as dificuldades em se manter vivo e progredir como ser humano. Para Silva (2018, p. 494) “A realidade contemporânea e as demandas vitais próprias dos povos originários são muito complexas e dinâmicas.

Um sistema jurídico normativo não dá conta de incorporar as demandas das diversas formas de organização social”. As leis, normativas, campanhas de orientações sobre a diversidade cultural fazem a diferença, mas ainda está longe de se ter uma solução eficaz, que resolva estas questões discriminatórias que se faz presente no momento. O mundo evoluiu, algumas pessoas não, isso afeta o relacionamento e convivência em harmonia entre povos.

1.5 O MEDO DO PRECONCEITO TEM OBRIGADO ÍNDIOS A “CAMUFLAREM” SUAS ORIGENS PARA CONSEGUIR EMPREGO.

Diante dos entrevistados, foi possível observar que, a grande maioria, tem dificuldades em encontrar emprego fora aldeia, muitos vão à busca de emprego nas indústrias e comércio do município porém dificilmente são chamados. Infelizmente quando foi procurado algumas das empresas, que se recusam a dar empregos para os indígenas, eles simplesmente não deram retorno algum, desta forma não houve entrevistas, pois não quiseram atender os acadêmicos. Sendo assim, não foi possível entender o porquê de as empresas não darem oportunidades de empregos. Logo abaixo há relatos apenas dos indignos que estão dispostos a trabalhar e ansiosos para conseguirem vagas de trabalho fora da aldeia, confira alguns trechos retratados por eles, indígenas sobre a oportunidade de emprego:

Acadêmicos: e você gostaria de trabalhar?

Edimilson: logico, logico de mais, a melhor coisa é poder trabalhar.

acadêmicos: você já preencheu algum currículo alguma coisa assim já foi em alguma empresa?

Edimilson: sim eu já levei umas três vezes e nada.

Acadêmicos: e você só levou em um lugar ou em outras?
Edimilson: em outras
Acadêmicos: e fazê tempo que você leva os currículos?
Edimilson: sim fazê tempo
Acadêmicos: e até hoje não te chamaram?
Edimilson: não ainda não.
Acadêmicos: nunca te ligaram pra você fazer entrevista nada?
Edimilson: não, nada.
Acadêmicos: você pode me dizer mais ou menos quais são as empresas que você levou o seu currículo agora de última vez as empresas que você chegou levar o currículo quais são.
Edimilson: ã ã é ali na vila santa Inês, é como que Passifaz, e cara no aviário também e na farmácia.
Acadêmicos: e você sente algum preconceito quando você entra em contato procurando emprego do pessoal das empresas, você sente algum preconceito algum olhar diferente.
Edimilson: sim a maioria deles.
Acadêmicos: é.
Edimilson: sim até quando eu trabalhava de jovem aprendiz já passei por isso também.

É notório a esperança e o entusiasmo do Edimilson para conseguir um emprego, o mesmo relata que já por diversas vezes, procurou e buscou emprego que até o momento não tinha conseguido. Na visão dele, o fato de ser indígena desfavorece e reduz suas chances na concorrência pela vaga. Segundo Machado (1998, p. 19) “Cada membro da sociedade se impõe o desafio de se inserir nas relações sociais e realizar suas necessidades pessoais. Para tanto, são necessários aos trabalhadores, o ingresso, o exercício de atividades e a vivência de experiências no âmbito do mercado de trabalho”. Todos necessitamos de uma oportunidade para se aperfeiçoarmos, desenvolvermos se destacamos em alguma área naquilo que somos bons, eis a importância de se ter um emprego para demonstrar as habilidades e os saberes que possuímos.

O preparo para enfrentar os desafios, barreiras e o preconceito, faz com que surtem, nas aldeias, novos ensinamentos às crianças. Partindo desses princípios de fortalecimento de identidade, pertencimento e valorização a origem indígena, Natalia, indígena entrevistada, que atua como professora na escola da aldeia de Itaipulândia, realiza alguns trabalhos com seus alunos, abordando

essas temáticas em sala de aula, veja um pouco desse trabalho que ela realiza.

Acadêmicos: aqui na escola assim vocês preparam os alunos de alguma forma ou de outra pra eles enfrentarem esse preconceito assim lá fora?

Natalia: sim, a gente trabalha bastante assim a identidade deles pra eles ter orgulho pra eles não negar a identidade deles a cultura deles pra eles sempre ter orgulho da cultura deles não negar assim, por que quando eles chegam no 5º ano eles dizem eu não quero ir pra cidade eu não quero ir por que eles já sabe que vão sofrer, e não vão se adaptar eles vão sofrer algum preconceito, e a meu sobrinho ele não queria ir mais a gente passou tudo isso pra ele e ele foi.

Acadêmicos: ele hoje ele gosta como que ele resolveu ir?

Natalia: hoje ele gosta.

Acadêmicos: e o que incentivou você a estudar só pra gente exemplo, se você teve que enfrentar todo esse preconceito.

Natalia: pra mostrar que a gente também é capaz, não é só porque a gente é indígena que a gente não pode falar português, falar inglês que a gente também pode empreender a gente também pode na verdade todo mundo pode.

Nota-se que Natalia, mulher indígena jovem, Professora de 33 anos, busca resgatar o valor identitário que vem se perdendo, ao longo do tempo, pelos indígenas, devido a globalização e a junção de pequenos povos que se unem e formam um novo grupo, Silva, (2018, p. 482) “pelo retrospecto de violência, perseguição, exploração, escravidão, massacres, malícias vivenciadas, muitas culturas e tradições e vidas se perderam, e com ameaças frequentes muitos temem a própria vida e fogem desesperado abandonando suas origens”. Assim, ocorreu ao longo da história recente do Brasil, todo o sufoco e desespero e medo que os indígenas enfrentam constantemente

Fazem-se necessário um trabalho de reconstrução e de valorização a cultura indígena, começando nas escolas e passando por campanhas Nacionais, pois o dia do índio não é somente na data comemorativa do dia 19 abril, e sim todos os dias.

1.6 OS DIREITOS TRABALHISTAS DOS INDÍGENAS.

Por muitas décadas, desde a Independência do Brasil, ao começar a pensar nas questões indígenas presentes no Brasil, Indígenas, esses que, desde a colonização europeia, sofreram perseguições, escravizações, expulsões de suas terras e muitas etnias foram extintas segundo Silva (2018, p. 482) “retrospecto de violência, perseguição, exploração, escravidão, massacres, malícias vivenciadas, muitas culturas e tradições e vidas se perderam, e com ameaças frequentes muitos temem a própria vida e fogem desesperado abandonando suas origens.” enganasse quem pensa que este é um problema enfrentado somente no passado.

Para Masuzaki (2015, p. 80)

Os Guaranis, a partir de 2012, se tornaram vítimas de uma campanha anti-indígena massiva, organizada por setores ruralistas e determinados agentes públicos, como deputados, senadores e prefeitos. Reuniões foram realizadas em vários municípios, e contaram com a presença de figuras públicas como o Deputado Estadual pelo Paraná, Élio Lino Rusch, e o Deputado Federal Dilceu Sperafico. Os discursos proferidos nessas reuniões contribuíram para legitimar e fortalecer a disseminação do ódio e preconceito contra os indígenas.

Com todas as políticas públicas e direitos conquistados ao longo dos anos de independência, o índio ainda é ameaçado e não se sente seguro em determinados lugares.

Os direitos trabalhistas dos indígenas são diferenciados do trabalhador comum. De acordo com Morais, (2018, p.204) A Convenção 169 da OIT (Convenção sobre os Povos Indígenas e Tribais). “Especifica o gozo pleno dos direitos humanos e liberdades fundamentais, ausentando obstáculos discriminatórios. Prescreve a adoção medidas especiais que sejam necessárias para salvaguardar as pessoas, as instituições, os bens, as culturas e o meio ambiente dos povos interessados”. O objetivo que se almeja alcançar é a inserção do indígena no mercado de trabalho, preservando sua identidade, cultura e tradição, ele fica livre para realizar o que for de sua cultura no âmbito do trabalho.

As questões sobre empregos dos indígenas sempre geram discussões, rodeadas de polêmicas, os prós e os contra sempre tem argumentos e utilizam ao seu favor, o indígena, por vez, ficam a margem de alguns direitos já adquiridos que fazem com que ele tenha seu espaço fechado em empresas de diversos

setores, Morais reafirma a importância dos direitos adquiridos pelos indígenas na convenção da OIT:

Nos artigos 21 e 22, a Convenção dispõe que os povos indígenas podem dispor de meios de formação profissional, no mínimo, igual àqueles dos demais cidadãos. Estabelece a qualificação profissional dos trabalhadores como elementar para melhores condições de trabalho mediante a criação de programas especiais de formação da mão-de-obra indígena.

Esta convenção foi muito importante, nela foi estabelecido e adquirido muitas conquistas e direitos envolvendo o indígena no mercado de trabalho, fez com que mais portas se abrissem e que as empresas dessem oportunidade e segurança para o indígena trabalhar e se socializar, contudo, as portas tendem a se fechar quando um indígena, em Itaipulândia busca emprego, abaixo traremos algumas falas importantes sobre a busca incessante e sem êxito na luta por um emprego:

Maria Lucia: por várias vezes já depois da pandemia, por exemplo, ninguém levou mais muito assim currículo, na manhã que eles corriam, falava que na agencia do trabalhador tem vaga pra friella porque a maioria quer entrar na friella porque ali é mais perto, porque la na lar de Matelândia também pega, mas o ônibus não entra aqui, eles passa ali lá pelas Santa Inês acho, e o pessoal daqui não tem é não tem como sair daqui, não tem moto, não tem carro pra sair daqui e ir até lá. Maria Lucia: é minha filha o dia que você entrevistar ela não ta hoje, ela foi la visitar a sogra, ela vai falar que várias vezes levou, por exemplo, ali na lar no mercado na época que meu filho que faleceu, ele queria tanto trabalhar no mercado ele falava mãe eu levo currículo lá levo no Gasparini levava lá na lar, depois ele venha e fala mãe aquele meu amigo da escola trabalha la na lar, porque será que não chama nós, e nunca vão chamar, falei porque a gente levava deixava o meu marido ia lá conversava com o pessoal e fala assim como será que faz dele entrar trabalhar assim? Eu lembro que eu meu tem um rapazinho o Elizeu ele que trabalhava lá na oficina mais na oficina de arrumar o caro trabalhou mais o pessoal não pagou pra ele também.

Natalia: a gente comprou currículo na papelaria pra preencher esses currículos pra entregar, eu minha tia e uma outra colega a gente colocou gasolina no carro da minha tia e foi entregar só que quando a gente chegava lá eles fala falava aí pode entregar deixar aqui que a gente liga amanhã ou depois, e ninguém ligou ninguém ligava a gente entregou em todos os comércios assim lá no caramuru aqui na Santa Inês nenhum deles ligou pra gente.

só que depois a minha irmã também foi lá entregar o currículo, daí chamaram ela, falaram vem pra ela fazer a entrevista daí ela foi e voltou triste pra aldeia. Daí perguntei contratou você como que foi lá? Daí ela falou que estava tudo indo bem, só que daí perguntaram você mora lá na base náutica? Na aldeia com os índios, daí ela disse que sim. Aí ela fala então pode sair e vim outra pessoa, daí ela saiu triste disse assim acho que é só por que a gente é indígena por que lá na friella até hoje ninguém entrou.

Os relatos das entrevistas são intrigantes pois, sabendo que há oferta de emprego, oferecido pelas empresas citadas e foram entregues currículos nas mesmas o fato de ninguém ter sido selecionado chama atenção, pois:

As normas da referida Convenção prescrevem que aos trabalhadores indígenas devem ser asseguradas oportunidades de emprego, como a garantia de igualdade remuneração para trabalhos de igual valor, assistência médica, medidas de segurança e higiene no trabalho e o direito de adesão e associação a sindicatos. (MORAIS 2018, p. 202)

Não foram realizadas entrevistas nas empresas citadas para se renunciarem, exceto a Friella, que não se manifestou interesse em atender quando solicitada. De fato, são acusações a vele apurar o porquê de não dar resposta ou mesmo contratar e abrir as portas para o indígena, uma vez que este tem o pleno direito de uma vaga de emprego se o mesmo possuir aptidão para desempenha-la.

O Capítulo IV da Constituição Federal brasileira, de 1989 assegura algumas leis, e normas quanto a contratação e oferta de emprego para o indígena, que deve ser de responsabilidade do empregador cumpri-las:

CAPÍTULO IV

Das Condições de Trabalho

Art. 14. Não haverá discriminação entre trabalhadores indígenas e os demais trabalhadores, aplicando-se-lhes todos os direitos e garantias das leis trabalhistas e de previdência social.

Parágrafo único. É permitida a adaptação de condições de trabalho aos usos e costumes da comunidade a que pertencer o índio.

Art. 15. Será nulo o contrato de trabalho ou de locação de serviços realizado com os índios de que trata o artigo 4º, I.

Art. 16. Os contratos de trabalho ou de locação de serviços realizados com indígenas em processo de integração ou habitantes de parques ou colônias agrícolas dependerão de prévia aprovação do órgão de proteção ao índio, obedecendo, quando necessário, a normas próprias.

§ 1º Será estimulada a realização de contratos por equipe, ou a domicílio, sob a orientação do órgão competente, de modo a favorecer a continuidade da via comunitária.

§ 2º Em qualquer caso de prestação de serviços por indígenas não integrados, o órgão de proteção ao índio exercerá permanente fiscalização das condições de trabalho, denunciando os abusos e providenciando a aplicação das sanções cabíveis.

§ 3º O órgão de assistência ao indígena propiciará o acesso, aos seus quadros, de índios integrados, estimulando a sua especialização indigenista.

As leis determinadas, porém, nem sempre são cumpridas, principalmente pela ineficácia dos órgãos públicos de fiscalização que não é suficiente para atender a demanda, e é onde ocorre a exploração e as condições precárias de trabalho a esta classe, pois desta forma eles acabam indo trabalhar no campo, lavouras, chiqueirões para conseguir dar condições melhores as suas famílias. Mas mesmo assim ainda é muito difícil, uns não conseguem nem estes empregos no campo, então saem para as ruas vendendo comidas ou artesanatos para conseguirem sustentos, mas grande parte das vezes não conseguem fazer a venda pelo fato das pessoas serem apáticos e não comprarem quando percebem que são indígenas.

1.7 QUEM TRABALHA E O QUE SE FAZ NUMA ALDEIA INDÍGENA?

Os indígenas que vivem na aldeia de Itaipulândia recebem muitas doações e basicamente vivem dos programas sociais do Governo de Estado e Governo Federal, algumas famílias recebem auxílio e cesta básica além de outras doações vindas da comunidade e do município de Itaipulândia. Existe, na aldeia, uma área de terra que é utilizada para plantação de alimentos para o uso da aldeia e parte é comercializada.

Os poucos indígenas que trabalham, envolvendo questões contratuais, são funcionários públicos, por vez, tem seus direitos preservados e respeitados, também são bem vistos e recebem tratamento diferenciado pelos munícipes. Natalina comenta como ela se sente quando vai ao centro da cidade “eu sempre fui bem recebida mesmo na loja mercado nunca ouvi nada de ruim”. alguns indígenas relataram que são bem vistos, mas confessaram ouvirem queixas de seus amigos de não terem sido bem recebidos em alguns lugares.

Edimilson Felix de 25 anos, indígena jovem que trabalhou de jovem aprendiz na Assistência Social pela prefeitura Municipal de Itaipulândia; Maria Lucia, pedagoga na escola indígena do Município de Itaipulândia que tinha seu vínculo empregatício pelo Governo do Estado, Natalia, professora da escola indígena também empregada pelo Estado; Natalina agente de saúde indígena, sendo contratada pela FUNAI, com vínculo contratual com SESAI (Secretaria Especial de Saúde Indígena) e Natalino, cacique da aldeia, que atua na assistência social, do município sendo contratado pela Prefeitura Municipal. São alguns indígenas que conversamos exceto o cacique, durante as entrevistas questionamos sobre outros indígenas no mercado de trabalho e Maria Lucia respondeu: “Ali na cidade na prefeitura mesmo acho que é só quatro mesmo que duas que é do jovem aprendiz, Natalino e aquelas duas minhas cunhadas cinco então né, natalino a menina e a outra menina e deu cinco por aí”. além de alguns que atuam como ‘boia fria’ para alguns agricultores ao redor da aldeia.

Maria Lucia: Eu lembro que eu meu tem um rapazinho o Elizeu ele que trabalhava lá na oficina mais na oficina de arrumar o carro trabalhou mais o pessoal não pagou pra ele também.

Margarete: capaz, que absurdo!

Maria Lucia: é, saiu o cara tava devendo 200 reais e nunca mais pagou pra ele e saiu de lá. E agora

ta trabalhando ali no aviário mais pertinho ali mais paga só 1200 acho ali é só pro cara do aviário o vizinho ali.

O fato que intriga mais é de que, quando ofertado a vaga de emprego, o empregador tira proveito do indígena, talvez não seja malícia, porém, sabe-se que tem consequências e o indígena, por lei, tem alguns benefícios quando empregados que devem ser respeitados, mas, de certa forma, negar a oferta da vaga de emprego, para um indígena, por questão racial, é crime e de acordo com o capítulo IV da constituição do trabalho:

Art. 14. Não haverá discriminação entre trabalhadores indígenas e os demais trabalhadores, aplicando-se lhes todos os direitos e garantias das leis trabalhistas e de previdência social.

Parágrafo único. É permitida a adaptação de condições de trabalho aos usos e costumes da comunidade a que pertencer o índio. (CONSTITUIÇÃO DO TRABALHO, 1973)

O indígena tem por Lei suas garantias de direitos e deveres assim como um trabalhador comum, no exercício da função devem ser cumpridas, por ambos os lados, todas as cláusulas propostas e concordadas em acordo de contrato. Para Pereira (2019, p. 103) “Percebe-se que os índios dispõem de um aparato especial que objetiva a segurança jurídica dos contratos de trabalho e garante os direitos trabalhistas oriundos desses contratos.” sendo assim, o indígena tem mais oportunidade de conseguir um emprego, o que não reduz a chance de ser negado ou rejeitado seu currículo.

Com essas informações apresentadas, ao longo da entrevista, com Edimilson, ele relatou um pouco de sua rotina no trabalho que desempenhava junto a Assistência Social do município:

Acadêmicos: e como que era a sua relação no mercado de trabalho, fale um pouco relate assim o que você fazia lá qual que era sua função, você tinha colegas eles conversam com você como eu era? Edimilson: É na verdade eu era auxílio auxiliar e eles mandava eu fazer qualquer coisa eu tinha várias funções e juntar as caixas, separar um de um espaço do outro e assim

acadêmicos: e você gostava de fazer isso ou essa não era sua função, o que você tinha que fazer de verdade

Edimilson: eu tinha que, e que lá não tinha muita coisa pra fazer, aí cada dia eu chegava lá e queria fazer uma coisa diferente todos os dias, aí não tinha muita coisa lá pra fazer.

acadêmicos: você queria fazer alguma coisa lá mais não tinha serviço

Edimilson: sim é tipo isso, cada vez que eu chegava lá eu perguntava se tinha alguma coisa pra fazer aí eles davam um servicinho mais é bem pouca coisa aí eles me falavam pra descansar, mais como eu não estava cansado eu queria fazer uma outra coisa.

Imagem 03: Entrevista com indígena Edimilson Felix.



Fonte: acadêmicos

Percebe-se que ele demonstra interesse em aprender e evoluir, conquistando objetivos e metas. Seu espaço no mercado trabalho foi possível após muitas discussões e pressões de Órgãos de defesas dos grupos indígenas e minorias no congresso, como explica Pereira (2017, p. 101)

A Constituição Federal de 1988, como exposto, rompeu com a tendência de transformar o índio em “civilizado”. O constituinte garantiu o direito de ser índio, preservando seus costumes, sua organização social, suas crenças, suas línguas e tradições. Assim, a participação indígena na sociedade, inclusive celebrando contrato de trabalho, pode e deve ser feita preservando o seu modo de ser.

As leis conquistadas, ao longo do tempo, oportunizaram o ingresso do indígena no mercado de trabalho em diversos setores, oportunizando treinamento e preparo para adaptação no local de trabalho, sendo assim, o indígena aprende e tem a possibilidade de crescer e contribuir com a empresa e com a interação e propagação da cultura e dos costumes indígenas, pois quando o índio está inserido facilita a real compressão e valores das diversidades culturais presentes no mesmo espaço.

1.8 DADOS DA AGÊNCIA DO TRABALHADOR

A agência do trabalhador⁵ está presente em todo o território Nacional basicamente em todos os municípios do país, tendo como função direcionar o cidadão ao mercado de trabalho, Gelson pós-graduado em gestão pública, responsável pela agência do trabalhador de Itaipulândia explicou como é o funcionamento da agência do trabalhador:

Gelson: Então essa Agencia do Trabalhador que é o mesmo SINE, ele é Nacional, Nacional tá, tanto faz o SINI aqui em Itaipulândia ou lá em Rondônia, o sistema é o mesmo de captação de vagas.

Leandro Luis: e todas as empresas do município tem vínculo com a agência do trabalhador?

Gelson: todas não, é tem algumas empresas que elas não usam a agência do trabalhador para contratar, pelo fato de ser um município pequeno e quase todo mundo conhecer todo mundo praticamente, então eles evitam muitas vezes evitam de usar o trabalho da agência do trabalhador, por que um amigo já deixa um currículo ou alguém que já está dentro de empresa indica, então eles não são muito de usar a agencia do trabalhador não.

Segundo o ministério da economia, (2016) “O Sistema Nacional de Emprego (SINE) foi criado em 1975 sob a égide da Convenção nº. 88 da Organização Internacional do Trabalho (OIT), que orienta cada país-membro a manter um serviço público e gratuito de emprego, para a melhor organização do mercado de trabalho.”

⁵ Órgão da prefeitura só que o serviço é prestado para o Estado, que é o SINE (Sistema Nacional de Emprego). Que se encarrega de informar as vagas de emprego disponíveis,

as empresas que possuem vínculos com a agencias informadas das vagas abertas no momento. Desta forma o candidato que se interessar pela vaga leva seu currículo e direcionado a empresa que está precisando no momento.

Referente ao processamento e a oferta de vagas de trabalho para, analise em questão dos currículos e perfis do empado/empregador Gerson, explica como é feito a captação das vagas:

Leandro Luis: e como é dada a oferta de emprego? agência do trabalhador oferta as vagas de emprego? ela divulga.

Gelson: é a agencia do trabalhador é ela funciona pelas empresas, as empresas que tem que procurar a agencia do trabalhador e oferecer as vagas, o empregador ele fica livre pra exigir o que for do trabalhador, ele tem sua empresa abre as vagas ali ele coloca as questões de escolaridade, é de experiencia né é o perfil de que o empregador exige a gente preenche essa vaga, assim que o desempregado chega a agencia do trabalhador pra procurar emprego a gente faz um cadastro dele e coloca todas as qualidades e características que o empregado tem, se bater com o perfil da do empregador essa pessoa automaticamente é selecionada e enviado para empresa pra fazer a entrevista de emprego.

A sistematização dos sistemas SINE facilita e muito a pré-seleção das vagas, já que conta com sistema moderno de cruzamentos de dados fazendo um trabalho em conjunto empregador/agencia/empregado, eliminando o sistema antigo de currículos impressos, facilitando o trabalho e o tempo de ambos, além de contribuir com meio ambiente.

Gelson: então a agencia do trabalhador praticamente não usa currículo tudo é feito no sistema, há muitos anos atrás a agencia do trabalhador usava os currículos, só que isso ai foi proibido para não beneficiar ninguém tá, um amigo, o parente ou até mesmo politicamente; esses currículos eram separados, pessoas que eram eleitores de tal vereador tala prefeito tal político, esses currículos eram separados e selecionados e mandado para as empresas pra entrevista, então isso ai acabou não existe mais. é tudo pelo sistema, a não ser que por exemplo, a Friella usa esse sistema ainda, a gente faz a captação desses currículos que são enviados pra Friella e a Friella liga para eles irem fazer as entrevistas né. mais de qualquer

forma a seleção é feita pela empresa.

As vagas de empregos no município de Itaipulândia são bem divaricadas mais voltadas a áreas de produção nas industrias, com a pandemia que abalou o Brasil muitas empresas tiveram cortes excessivos de funcionário, quando perguntado sobre este fato Gelson fez um comentário muito interessante:

Leandro Luis: e muitas pessoas procuraram a agencia do trabalhador normalmente?

Gelson: olha, com essa pandemia houve muito corte de funcionários nas empresas né, mais assim não tem procurado, até por que especificamente a agência de Itaipulândia, Itaipulândia é um município que dá muito benefícios para as pessoas né, o assistencialismo aqui é bastante frequente, então muita gente tem é cesta básica tem a fácil acesso a posto de saúde né, teve ai agora a pouco esses auxílios que o governo está dando pro pessoal, então houve uma caída muito grande na questão do pessoal ir procurar a agencia do trabalhador.

O município de Itaipulândia presta um bom serviço as áreas públicas principalmente voltada a área da saúde e da assistência social como já mencionados anteriormente pelos indígenas, recentemente o município de Itaipulândia foi premiado como o melhor atendimento básico de saúde no Paraná e o 34º no Brasil:

O atendimento à Atenção Básica oferecido pela Secretaria de Saúde de Itaipulândia é o melhor do Paraná, entre os 398 municípios do Estado, revela o Previne Brasil: modelo de financiamento de Atenção Primária à Saúde, desenvolvido pelo Ministério da Saúde e Governo Federal. A nível Brasil, o município ocupa a 34ª posição, entre os 5 568 municípios. (MUNICIPIO DE ITAIPUNADIA, 2021)

Essa pesquisa reforça os relatos indígenas e a ideia de que na cidade de Itaipulândia existe na área da saúde o excelente serviço prestado a comunidade.

Quando retratado sobre as questões de currículos voltada aos indígenas que procuram a oportunidade de emprego através da agencia do trabalhador, Gelson deu a seguintes respostas:

Leandro Luis: e sobre os indígenas do município eles procuram, eles vêm até a agência do trabalhador?

Gelson: poucos, poucos, procuram a agência do trabalhador.

Leandro Luis: algum indígena já foi direcionado ao mercado de trabalho pela agência do trabalhador, sabe me dizer?

Gelson: já, já vários deles já deixaram os currículos aqui na agência do trabalhador e esses currículos foram entregues nas empresas.

Leandro Luis: as empresas de alguma forma demonstram preconceito com os indígenas sabe me dizer?

Gelson: não, não, por que cada empresa tem sua maneira de fazer a seleção, então a partir do momento que eles vêm até a agência do trabalhador e são encaminhados pra lá esses critérios que são utilizados pelas empresas a gente não tem acesso.

Tendem-se necessidade de realizar um trabalho junto as empresas do município a fim de resolver e solucionar esta causa da demanda de trabalho indígena, uma vez que relatado, segundo Edimilson "hoje já tem bastante e mais de 60 famílias aproximadamente e 180 pessoas, e por que ta crescendo por que tem as crianças e mais um pouco de pessoas e vai assim". considerando idosos, crianças, deficientes, teríamos um número de indígenas em idade de trabalho de 100 pessoas aproximadamente, dessas menos de dez tem emprego, ficariam ainda noventa indígenas em idade de trabalho sem emprego na aldeia aguardando uma oportunidade.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao longo da pesquisa percebe-se que existem muitas barreiras e impecílios que dificultam o indígena conquistar seu espaço na sociedade, nota-se uma insegurança e angústia por não terem seu reconhecimento e oportunidade para demonstrar que tem potencialidades, como a Natália por exemplo que cursa administração e Matemática duas graduações simultânea, ou mesmo Edimilson, um jovem de muita inteligência que sonha em ser Engenheiro e realizar melhorias nas aldeias, muitas vezes os indígenas são barrados pelo preconceito e discriminação que sofreram e sofrem até os dias atuais.

Existe a necessidade, no município de Itaipulândia, a implementação de um programa social ou política de sensibilização/conscientização bem como de inervação principalmente dos jovens no mercado de trabalho, devido ao fato do aumento significativo de suicídios entre indígenas na região, diante de entrevistas e conversas com o pessoal da aldeia é perceptível compreender que o motivo de gerar esse sofrimento é pelo fato de não conseguirem empregos fora da comunidade indígena, e isso faz com que eles se achem incapazes e não conseguem enxergar um futuro melhor, de crescimento, ajudar as suas famílias e melhorar suas qualidades de vida.

Sabe-se das dificuldades que encontram na cidade e mesmo não tendo uma garantia de um futuro pessoal e intelectual até mesmo um emprego a indígena parte em busca da sobrevivência ou de meios se manter vivo. As políticas públicas nacionais já não são mais suficientes, pois o indígena que está cada vez mais urbanizado e presente nas cidades, e não se tem iniciativas públicas, públicas eficazes capazes de solucionar esses problemas recorrentes envolvendo o indígena.

Pretende-se então com esta pesquisa, levar a comunidade de Itaipulândia como um todo a respeitar a diversidade cultural e passar a tratar o índio como figura social presente no nosso contexto, sem discriminação, preconceito ou visões pejorativas sobre os mesmos. Que tem muito tem a nos oferecer e também ensinar, ele já não é mais aquele que vivia nus pelas matas, eles evoluíram assim com nós, foram a busca de uma educação e aprender mais para conseguir se inserir no nosso meio e com esta pesquisa queremos conscientizar ao povo de Itaipulândia e também aos leitores, para que vejam o índio como cidadão normais sem julgamentos e abrindo as portas para que eles participem cada vez mais do nosso meio social e que eles se sintam acolhidos pela sociedade.

No decorrer de toda esta pesquisa observamos que ainda há indícios de perseguição e discriminação sofrida pelo indígena por parte da sociedade civil. A educação nas escolas como um todo precisam trabalhar as questões étnicas raciais de uma maneira diferente para que a criança nela inserida entenda como o a figura do índio tem valor e qual a sua importância não só social, mas historicamente, pois segundo a história eles foram os primeiros habitantes de praticamente todo o território Nacional, e ao longo do tempo foram desaparecendo e várias culturas milenares sumiram, ficando apenas relatos e fósseis destes povos.

Da relevância desta pesquisa visa como um todo apontar os problemas e as discriminações que o povo indígena da aldeia **Aty-Myrim** sofre, seja na busca por um emprego ou na socialização, queremos defender e preservar seus direitos que são garantidos por lei, porém muitas vezes ignorados e desrespeitados por muitos.

SILVA, D. N. O que eram os Jesuítas? **Brasil Escola**. Disponível em: <https://brasilecola.uol.com.br/o-que-e/historia/o-que-eram-os-jesuitas.htm>. Acesso em 21 de abril de 2021.

REFERENCIAL TEORICO

ESTUDIO c, show-globo. **Mapa mostra regiões do estado do paraná onde habitam povos indígenas**. Disponível em: <https://gshow.globo.com/rpc/estudio-c/extras-estudio-c/noticia/mapa-mostra-regioes-do-estado-do-parana-onde-habitam-povos-indigenas.ghtml>. Acesso em: 21 de abr. 2021.

ITAIPULANDIA. **Itaipulândia tem o melhor atendimento da aten o básica de todo o paraná, revela previne Brasil**. Disponível em: <http://www.itaipulandia.pr.gov.br/noticia/2039/itaipulandia-tem-o-melhor-atendimento-da-atencao-basica-de-todo-o-parana-revela-previne-brasil>. Acesso em: 9 nov. 2021

MACHADO, L. R. S. Educa o básica, empregabilidade e competência. **Trabalho & Educa o**, v. 3, p. 15-31, 1998.

MASUZAKI, T. I. A luta dos povos Guarani no extremo Oeste do Paraná. **PEGADA-A Revista da Geografia do Trabalho**, v. 16, 2015.

MEDINA, A.; FERREIRA, C. V. R. O ÍNDIO URBANO: a perspectiva do  ndio xavante junto ao mercado de trabalho em Barra do Garças/MT. **Revista Panorâmica On-Line**, v. 23, p. 245 - 254, 2017.

MORAES, J; T. A REGULAMENTA O NORMATIVA DAS CONDI OES DE TRABALHO INDÍGENA EM MATO GROSSO DO SUL SOB A ÉGIDE DO PACTO COMUNITÁRIO DO DIREITOS SOCIAIS E A CONVENÇO 169 DA OIT. **Revista Juris UniToledo**, v. 3, n. 03, p. 200-211, 2018.

PEREIRA, C. M. Contrato de trabalho do indígena: requisitos e o respeito pela diferença **Revista Eletr nica de Direito da Faculdade Estácio do Pará**, v. 4, n. 5, 2017.